

A ESCRITA NA POLITICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO

WRITING IN THE *POLÍTICA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO*

Isabel Cristina Alves da Silva Frade

*Professora do programa de pós-graduação da FAE/UFMG
Pesquisadora do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita da FAE/UFMG
Presidente da Associação Brasileira de Alfabetização (Gestão 2018-2019)
Membro do GT 10 da Anped
Coordenadora do PNAIC /UFMG (2012-2015)
icrisfrade@gmail.com*

A Política Nacional de Alfabetização apresenta reducionismos e apagamentos de diversas ordens: semântico, conceitual, pedagógico, epistemológico e, sobretudo, de práticas e pesquisas que são desenvolvidas no Brasil e no exterior sobre a alfabetização. Escolho tratar, neste texto, o apagamento da escrita, pois a PNA faz um recorte nas habilidades de leitura, sem considerar os aspectos sociais e culturais que impactam o desenvolvimento cognitivo dos grupos e reduzindo as práticas de ler e escrever a habilidades separadas da prática social.

Minha argumentação não visa recuperar a diversidade de elementos históricos que parecem não fazer eco na Política Nacional de Alfabetização, pois são apregoadas soluções inovadoras que já tiveram sua ineficácia comprovada e são desconsiderados os conhecimentos acumulados nas últimas décadas, nas teorias e nas práticas, mas reforço que os processos de alfabetização não podem ser autonomizados do desenvolvimento técnico, cultural e pedagógico, nem do que a sociedade demanda dos sujeitos numa cultura letrada.

Desde quando a alfabetização de massa se inicia, a partir da escola pública, independentemente dos métodos de alfabetização, são feitas escolhas sobre o que e quando ensinar as práticas de leitura e de escrita e estas “escolhas” dialogam com o mundo social. Na história da alfabetização a leitura teve seu lugar privilegiado, pois eram bem predominantes as práticas de leitura, em relação às práticas de escrita e, mesmo no campo da leitura, houve uma grande revolução nos tipos de textos oferecidos aos aprendizes, quando a imprensa possibilitou sua reprodução em massa.

Por algum tempo, as decisões sobre ensinar leitura e escrita no período da alfabetização foram determinadas não apenas por uma teoria pedagógica,

mas pela disponibilidade de papel e de instrumentos seguros, como penas metálicas ou lápis, para as crianças escreverem. Na metade do século XIX, na Europa, a escrita começa a fazer parte da alfabetização e ocorre o que se chama de ensino simultâneo da leitura e da escrita e a simultaneidade passa a ocorrer no Brasil no final do século XIX. Mesmo assim, poucos métodos de alfabetização cuidaram da escrita como ato de registro de palavras e de textos, sendo esta considerada apenas como uma habilidade motora e caligráfica e, depois, em seu aspecto ortográfico.

Essa relação entre escrita e leitura no processo inicial de aquisição, então, é um dos exemplos específicos que reforça que, independentemente do método de alfabetização, a pedagogia tem que dialogar com as práticas sociais que permitem ler ou experimentar escrever no processo de aquisição da escrita e de seus usos. O recorte histórico sobre o ensino isolado da leitura ou do ensino simultâneo da leitura e escrita que trago é um exemplo que mostra o impacto da vida social na circulação dos textos de leitura, em seus gêneros e suportes, assim como dos instrumentos, suportes e gêneros na escrita.

Com a disponibilidade de papel e lápis para muitos e observando atos de letramento envolvendo a escrita de adultos, muitas crianças começaram a escrever, sem que fosse essa uma atividade solicitada pela escola. Diante disso, ao observarem essas tentativas de escrita ou solicitarem que crianças escrevessem como sabiam, pesquisadores, como Emília Ferreiro, descobriram evidências muito bem comprovadas, ao serem repetidas estas experiências de escrever, de como as crianças pensavam quando escreviam. Isso não gerou um método de alfabetização, mas colocou os alfabetizadores atentos ao processo cognitivo das crianças no ato de escrever.

Considerando, por exemplo, um dos aspectos essenciais da alfabetização, a relação fonema e grafema - que não pode ser isolado de outros - e as relações que se estabelecem entre leitura e escrita na alfabetização - é bem diferente se o aprendiz parte do mecanismo de ter um grafema/conjunto de grafemas a serem decifrados como fonemas ou do mecanismo de registrar uma palavra ou texto, partindo do grafema que representa parte da cadeia sonora (Chartier, 2018). No ato de registrar a criança faz análises sobre o funcionamento do sistema fonológico da língua a partir da escrita que quer concretizar e do significado atribuído ao ato de escrever, num movimento em que sentido e significantes se entrelaçam. Neste processo, ela também precisa ler o que escreveu para interpretar sua escrita. Discutindo, de forma mais específica, as relações complexas entre ler e escrever no sistema alfabético e ortográfico, Soares (2016, p. 83-84) cita Frith que afirma que, na aquisição da escrita, há fases de desenvolvimento em que prevalecem divergências, alternâncias e convergências entre o que se adquiriu na leitura e na escrita.

Junto a todos esses elementos da escrita que poderiam provocar efeitos no pensamento sobre o sistema alfabético/ortográfico, há também a relação disso com os gestos motores que evocam a letra e uma atualização dos usos e instrumentos e suportes da escrita, ou melhor, nos letramentos, conforme nos ensina Magda Soares. É esse conjunto mais complexo que impacta os alfabetizandos e os sentidos que dão ao ato de escrever.

Estas reflexões nos levam a outro tipo de preocupação: o que acontece com os alfabetizandos, quando eles escrevem não apenas palavras, mas também textos? O que ocorre quando as crianças pensam o sistema a partir da escrita e de seus usos? Qual o impacto dos gêneros textuais escritos na compreensão do sistema de escrita? Como as crianças escreverão (gesto gráfico e dimensão cognitiva) quando dispuserem predominantemente de um teclado? O que ocorre quando as crianças têm que escrever para responder a mensagens que leem, quase simultaneamente? Como as crianças aprendem a ler a partir do ato de escrever? (CHARTIER, 2018). Afinal, qual o impacto da escrita e de seus usos na leitura? Estas são dimensões complexas que põem em jogo, ao mesmo tempo, o sistema alfabético/ortográfico e os usos da escrita.

Considerando-se a Política Nacional de Alfabetização, nota-se que nela está ausente toda a discussão a respeito das relações entre leitura e escrita no processo inicial de aquisição e não são consideradas ou problematizadas as mudanças que ocorreram, a partir de inter-relações entre o ato de escrever e o ato de ler, em cada tempo e na sociedade contemporânea. Na PNA, a escrita é brevemente mencionada e chega-se, no máximo, à sua dimensão ortográfica, desconsiderando-se também o papel da produção de textos na alfabetização.

Será que a leitura foi escolhida como principal habilidade nas ciências cognitivas ou na proposta do PNA? Por qual motivo se justifica todo o discurso em torno da leitura?

A leitura também é apresentada em seu sentido reduzido na PNA, pois o documento focaliza a decodificação separada da compreensão de textos, a fluência aparece ligada a rapidez e vocabulário, não se discutindo a sua relação com a compreensão, com o conhecimento dos gêneros e tipologias textuais, com os repertórios culturais e com as experiências de ouvir ou ler textos.

Sem negar a importância de algumas habilidades de leitura, o apagamento das habilidades de escrita e de seus sentidos sociais, no documento, vai na contramão de muitas discussões no campo da alfabetização, no movimento inverso de uma concepção contemporânea de linguagem, sem o recurso da história das metodologias, dos suportes, instrumentos e usos da escrita. Longe também está das práticas culturais infantis.

Seja em seu impacto, ou nos seus aspectos cultural, linguístico, cognitivo ou pedagógico, o ato de escrever vem se constituindo num desafio que não pode ser minimizado no processo de alfabetização e muito menos numa política que afirma trabalhar com evidências científicas.

Referências

CHARTIER, Anne-Marie. O papel da escrita na aprendizagem da leitura: uma história comparada entre a França e os Estados Unidos. <http://www.ie.ulisboa.pt/events/anne-marie-chartier-2018-12-11>

FERREIRO, Emília. A representação da linguagem e o processo de alfabetização. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo: F. Carlos Chagas, n.52, p.7-17, fev.1985.

SOARES, Magda Becker. *Letramento: um tema em três gêneros*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SOARES, Magda Becker. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*, n.24, jan./fev./mar./abr. 2004.

SOARES, Magda. *Alfabetização: a questão dos métodos*. São Paulo. Contexto. 2016